

O LÚDICO COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICO-METODOLÓGICA NA PERSPECTIVA INCLUSIVA – UM POSSÍVEL CASO DE AUTISMO

Maria Emanuela da Silva Souza¹
Maria Arielly de Lima²
Dr. Sheyla Maria Fontenele Macedo³

RESUMO: A pesquisa de caráter qualitativo, teve por objetivo investigar o lúdico enquanto estratégia didático-metodológica para uma perspectiva inclusiva, e mais especificamente, com crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). O presente trabalho buscou explorar o lúdico como um método didático na educação inclusiva, contribuindo assim para toda a educação e seus desafios diários enfrentados por docentes e discentes. Foi organizado em duas fases, a primeira de revisão bibliográfica/documental, assente nas discussões de: Camargo (2017), Cruz (2009), Silva, Gaiato e Reveles (2012), Siaulys (2005), Varella (2018); e nos documentos: Cartilha - Conhecendo o Transtorno do Espectro Autista (2017), o Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2013) e Saberes e práticas da educação inclusiva – BRASIL (2003). A segunda etapa refere-se à pesquisa de campo, iniciada na disciplina de Estágio Supervisionado I, da Educação Infantil, no curso de Pedagogia, em que por meio de entrevistas, relatos e questionários com perguntas abertas. Buscou-se ainda realizar o ensaio de um estudo de caso, em que se destacou o olhar acerca de um possível caso de autismo. Contudo é fundamental compreender as dificuldades da criança com TEA e buscar estratégias para o desenvolvimento de situações de aprendizagem com ela, e nesse caso, o apoio de uma equipe multidisciplinar é valiosíssimo, tanto para o acompanhamento, o tratamento e o futuro dessa criança.

Palavras-chaves: Autismo. Lúdico. Inclusão.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho originou-se no 5º período do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, a partir da relação entre as disciplinas de Seminário Temático e o Estágio Supervisionado I na Educação Infantil. Levando em consideração a importância da educação inclusiva, esse trabalho abordará a ludicidade como metodologia no trabalho específico com crianças autistas.

A importância dessa pesquisa se deu a partir da observação no campo do Estágio, onde se encontrava um caso provável de autismo. Logo, surgiu a curiosidade e a necessidade de

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/CAMEAM, emanuelasilva007@hotmail.com;

² Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/CAMEAM, arielly326@gmail.com;

³ Prof. Doutora do curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/CAMEAM, sheylafontenele@uern.br.

investigar o possível caso. Dessa maneira o objetivo deste estudo foi investigar o lúdico enquanto estratégia didático-metodológica para uma perspectiva inclusiva, e mais especificamente, num possível caso de uma criança com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O trabalho é definido como de natureza qualitativa, pois segundo Fonseca (2002) pesquisas dessa natureza centra-se em realidades que promovam um debate e uma construção social. Foi desenvolvido a partir da revisão de literatura e da pesquisa de campo. No que se refere à uma perspectiva bibliográfica, foi baseada em teóricos como: Camargo (2017), Cruz (2009), Silva, Gaiato e Reveles (2012), Siaulys (2005), Varella (2018) e documentos como a Cartilha: Conhecendo o Transtorno do Espectro Autista (2017), Estatuto da Pessoa com Deficiência (2013) e Saberes e práticas da educação inclusiva (BRASIL, 2003) a fim de proporcionar uma maior contribuição para o assunto em questão. É também uma pesquisa de campo, pois o processo de observação se deu no período do Estágio Supervisionado I. No campo, nossa investigação se aproximou de um estudo de caso, que de acordo com Yin (2001, p.30) “[...] é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Desta maneira, buscamos aprofundar a pesquisa a partir de um possível caso de autismo.

A creche em que situada como campo de investigação foi denominada neste trabalho de *Creche Caminhos da Felicidade*, situada na cidade de Pau dos Ferros, no interior do Rio Grande do Norte. Como participante da pesquisa foi selecionada uma professora efetiva denominada de *Branca*, sendo esse um nome fictício que foi utilizado para a preservação de sua identidade, assim como os outros participantes que fizeram parte da investigação. A professora foi participante natural da pesquisa devido à aproximação e ao acompanhamento que ela fazia por meio de registros e documentos do desenvolvimento do aluno.

Também foi realizada uma entrevista com a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) atuando na creche cerca de 30 dias, denominada *Joana*. A participação da mesma foi importante pois ela o acompanhava diariamente o aluno quando este se encontra fora da sala de aula, tendo uma relação mais direcionada ao desenvolvimento de suas habilidades, assim como contribuiu para a superação de alguns aspectos comportamentais deste. Por último, realizamos a uma terceira entrevista com o pai da criança investigada, a quem foi dado o nome de *André*.

Para a análise dos dados foram utilizadas as respostas obtidas nas entrevistas e a observação do relatório que a professora *Branca* disponibilizou. O trabalho ficou assim

organizado em subtítulos: “O Transtorno do Espectro Autista (TEA)” onde abordamos um pouco sobre as principais características desse transtorno; “O Lúdico no processo de ensino-aprendizagem e sob a perspectiva inclusiva” em apresentamos discussões sobre a ludicidade enquanto estratégia didático-metodológica com enfoque em uma educação inclusiva. Já o *Caso provável* é trazido no tópico *A escola: professores, pais, alunos e a criança*, em que se faz uma análise relacional desses sujeitos e entre a vida cotidiana do caso em questão. Para concluir *Atividades lúdicas enquanto estratégia inclusiva de um possível caso de autismo*, em que se apresentam atividades realizadas no período do Estágio Supervisionado com a criança em questão, bem como sugestões para outras intervenções.

Acredita-se que este trabalho possui a importância de revelar o lúdico enquanto ferramenta para atividades de inclusão, tais como nesta pesquisa, assente num possível caso de autismo.

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O autismo é considerado um transtorno global que afeta o desenvolvimento infantil, geralmente os sintomas se apresentam em crianças antes dos três anos de idade e principalmente do sexo masculino. De acordo com a Organização Mundial de Saúde - OMS (2000),

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) como é denominado, é reconhecido pelos transtornos causados a crianças que sofrem com perturbações no seu desenvolvimento neurológico. Segundo Varella (2018) “[...] recebe o nome de espectro (*spectrum*), porque envolve situações e apresentações muito diferentes umas das outras, numa gradação que vai das mais leves a mais grave”. Assim há as tipologias do autismo que variam entre os graus de comprometimento e podem ser classificadas em síndrome de *Asperger*, que é o nível mais leve do transtorno, e o autismo clássico que apresentam sintomas maiores e mais graves.

Dentre os sintomas que acometem a pessoa com o transtorno autista, destacamos aqueles que estão interligados e que interferem nas áreas da habilidade social, comunicação e comportamental. Por essa razão, a criança com autismo possui grande dificuldade de socializar e se expressar, assim não consegue interagir e prefere ficar isolada, ocasionando comportamentos estereotipados e repetitivos como se debater e balançar, e também a insistência em determinada atividade, outras características apresentam-se na sensibilidade de sons, luzes e lugares diferentes da sua rotina diária.

Vale ressaltar que todas essas características não se apresentam em uma criança de uma só vez, como já citado, o autismo possui vários níveis, por isso vai depender de cada caso. Por essa e outras razões, é preciso compreender o TEA, os limites impostos pela criança e os desafios ocasionados pelo transtorno, respeitando assim o ritmo de aprendizagem e do desenvolvimento da criança autista.

Assim faz-se necessário a procura por acompanhamentos com uma equipe multiprofissional, conforme Silva, Gaiato e Reveles (2012):

Muitas vezes os próprios pais podem estar desgastados com o diagnóstico e com os cuidados da criança com autismo. Assim, a busca por grupos de ajuda mútua, ou mesmo tratamento psicoterápico, pode ser de fundamental importância. Além disso, procure por especialistas em autismo para que suas dúvidas sejam sanadas. Afinal, só o saber constitui o verdadeiro poder, tão necessário às mudanças reais. (SILVA; REVELES; GAIATO. p. 71, 2012).

O diagnóstico leva em consideração as especificidades da criança, bem como seu histórico familiar. Para tanto, critérios estabelecidos pelo *Manual de Diagnóstico e Estatística da Sociedade Norte-Americana de Psiquiatria, 2013 (DSM-IV)* e pela *Classificação Internacional de Doenças da OMS (CID-10)* são importantes no processo de investigação.

Apesar do autismo ainda não ter cura, quanto antes o diagnóstico melhor será para a criança, já que é essencial o acompanhamento com uma equipe multidisciplinar para o desenvolvimento efetivo dela. Assim, crianças que tem acompanhamentos desde cedo, tendem a conseguir desenvolver melhor suas individualidades e seus comportamentos, proporcionando uma melhora na comunicação e na socialização com outras crianças, na escola e em casa.

Salienta-se ainda que o tratamento por ser individual, pode variar de criança para criança, uma vez que, os sintomas apresentados são diferentes e dessa forma deve atender as necessidades e limites do sujeito. Em alguns casos se faz necessário o uso de medicamentos para ajudar no tratamento, em outros só o acompanhamento com os especialistas pode promover grande eficácia no desenvolvimento da criança.

O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E SOB A PERSPECTIVA INCLUSIVA

Com base nas discussões anteriores, é fundamental destacar a importância do lúdico, especificamente no que diz respeito à inclusão de crianças com algum tipo de deficiência, considerando neste caso, possíveis diagnósticos de TEA.

Para início de conversa é interessante destacar o quanto são essenciais os jogos e as brincadeiras na aprendizagem e no desenvolvimento humano, por essa razão, devem estar presentes na vida de todas as crianças.

Desse modo, e a respeito do brincar, Siauly (2005, p.7) infere que “ [...] as crianças precisam brincar, independentemente de suas condições físicas, intelectuais ou sociais, pois a brincadeira é essencial a sua vida”. Por isso é imprescindível à presença do lúdico em casa e nas escolas, uma vez que possibilita a interação e conseqüentemente a aprendizagem. Vale destacar que o lúdico não se trata apenas de jogos e brincadeiras sem motivos reais no processo de ensino-aprendizagem, por outro lado, é uma ferramenta interessante e motivadora para se trabalhar em sala de aula “ [...] por meio dos diferentes tipos de atividades, os alunos terão a oportunidade de explorar situações, sejam elas reais ou imaginárias que possibilitarão a assimilação e fixação do conhecimento”. (CRUZ, 2009, p.2).

O lúdico pode ser pensado e utilizado como uma estratégia didático-metodológica em uma perspectiva inclusiva, visto que, a brincadeira é interessante para todo público-alvo, com ou sem deficiência. Por isso é importante desconstruir a visão de senso comum que se tem a respeito da inclusão, já que a mesma “é uma prática social que se aplica no trabalho, na arquitetura, no lazer, na educação, na cultura, mas, principalmente, na atitude e no perceber das coisas, de si e do outrem”. (CAMARGO, 2017, p.1).

No geral, falar de inclusão é muito difícil, especialmente porque na teoria é tudo muito *bonito e correto*, mas na prática, a atitude inclusiva fica muito a desejar. O que de fato não deveria ser um problema, visto que no Brasil muitas são as leis que asseguram os direitos de pessoas com deficiência. A Lei Ordinária Federal nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 por exemplo, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista estabelece diretrizes a serem executadas, no que diz respeito à educação, saúde, lazer, moradia, acesso ao mercado de trabalho e assistência social. Embora alguns motivos sejam elencados para que a inclusão não aconteça realmente os quais podem estar relacionados à fiscalização, a formação e qualificação de profissionais, o material necessário para se trabalhar, falta de acessibilidade dentre outros.

Ainda que isso aconteça, deve-se pensar o ambiente escolar como um dos meios de integrar e socializar pessoas com deficiência, por isso o art. 40 do *Estatuto da Pessoa com Deficiência*, em seu parágrafo único ressalta, que “é dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar a educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda a forma de negligência, discriminação, violência, crueldade e opressão escolar”. (BRASIL, 2013). Pensando então no papel da escola “a inclusão escolar teria o objetivo nobre de colocar as crianças com necessidades especiais em contato com seus pares, o que facilitaria seu desenvolvimento e ensinaria a todo o grupo que é possível conviver com a diversidade, na construção de um mundo melhor”. (SILVA *et al*, 2012, p.163).

De tal modo, trabalhar a ludicidade despertaria a criança e proporcionaria a inclusão, porque “o brincar alegre e motiva as crianças, juntando-as e dando-lhes oportunidade de ficar felizes, trocar experiências, ajudarem-se mutuamente”. (SIAUYLIS, 2005, p.16). Fica evidente então que por meio de atividades lúdicas, sejam jogos ou brincadeiras o professor consegue inclui-la no espaço escolar junto com os demais colegas.

Para que esse aluno se sinta estimulado a participar das atividades, é essencial que o educador inicie com atividades nas quais a criança conheça e goste e que sejam de curto prazo, para que sua atenção permaneça na brincadeira ou jogo. Além disso esse “[...] contato social com crianças com necessidades especiais é importante também para os demais alunos, que aprendem a lidar com as diversidades, quebrar preconceitos e construir um mundo mais tolerante e solidário”. (SILVA *et al*, 2012, p.80).

Por tudo isso, o preparo para a escola e principalmente para os professores é crucial no processo de inclusão de crianças com algum tipo de deficiência, é importante o suporte técnico, pedagógico, psicológico e também no que diz respeito a uma boa relação com a família da criança. E se caso for necessário um atendimento especializado, pode ser direcionado ao AEE, já que é direito da criança obter esse acompanhamento.

O CASO PROVÁVEL

Para situarmos melhor o estudo até aqui levantado, apresentamos o possível caso de autismo, reconhecido na *Creche Caminhos da Felicidade*, na cidade de Pau dos Ferros – RN, no período do Estágio Supervisionado I. Para preservar a identidade da criança, utilizaremos o nome fictício de *Artur*, que tem três anos de idade, e está atualmente matriculado na turma “Creche II”, sendo o seu primeiro ano na escola.

A partir das primeiras observações feitas em sala de aula, foi perceptível o comportamento diferente de Artur, em que ele muitas vezes se afastava dos demais colegas, não interagia, e dentre outras questões há as habilidades que possui, as quais são bem avançadas para a idade dele e até mesmo pela turma em que estava. A professora nos contou sobre todo o processo em que ele se encontrava e até nos repassou um relatório concluído por ela no início do ano, o qual foi levado para os pais e para uma equipe de profissionais, dentre esses: Psicólogo, Neurologista, Terapeuta, Fonoaudióloga e Professora do AEE, que trabalham em conjunto há cerca de dois meses no processo de investigação.

Segundo a professora Branca o aluno “ [...] apresentou dificuldade em cumprir as regras, e percebemos que para acalmá-lo tínhamos que mantê-lo ocupado com algo como: o alfabeto móvel, o qual ficava tentando formar o nome dele ou palavras” (BRANCA, 2018). Por outro lado, é importante ressaltar que o aluno conhece todas as letras do alfabeto, os números, sabe ler, e ainda consegue falar palavras e contar em inglês, ficando encantado com tudo que envolve letras, papéis e lápis. Embora ele tenha fascínio pelas letras e números, não é por muito tempo que Artur consegue focar sua atenção em determinada atividade.

E quando não obtém seus desejos realizados, ele tenta chamar à atenção das professoras se jogando no chão, batendo o queixo nas mesas, a cabeça na parede e gritando. Pela fala da professora Branca, Artur age com indiferença, pois: “ [...] algumas vezes, chegou a colocar a mão sobre o ouvido, a fim de não ouvir o que estamos falando para ele”. (BRANCA, 2018). Outras vezes quando é chamado pelo nome, fingia não escutar, fechava os olhos e agia indiferente. Essas reações podem tornar-se um desafio na construção do conhecimento, por isso “ [...] colocando-se limites adequadamente pode-se melhorar as condições de aprendizado e sociabilização da criança”. (BRASIL, 2003, p.20). O bom senso do professor irá ajudar muito nesse processo, podendo assim realizar atividades mais curtas, em que o aluno terá atenção maior, e elogiando-o sempre, para que dessa maneira se sinta participe da construção do conhecimento.

A comunicação também é prejudicada, uma vez que ao tentar se comunicar, ele repete tudo o que lhe foi dito, por exemplo, ao dar *bom dia Artur* ele diz da mesma forma. Isso vai de encontro com o exposto na cartilha Conhecendo o Transtorno do Espectro Autista (2017) que aborda essa questão, uma vez que pessoas com TEA: “ [...] possuem o hábito de falar somente de assuntos que lhes despertam peculiar interesse (*hiper foco*), também podem repetir frases ou palavras de modo frequente e mecânico”. Corroborando ainda com o pensamento do neuropediatra Schwartzman (2011), em que crianças autistas tendem a

apresentar muita dificuldade ao se comunicar, por isso “ [...] não é que não falem, não conseguem estabelecer um canal de comunicação eficiente”.

Com base nisso, fica evidente que a comunicação é uma das áreas mais prejudicadas para a criança, uma vez que, não consegue estabelecer uma conversa ou até mesmo responder a perguntas convencionais. Como ainda é recente o acompanhamento, fechar o diagnóstico antes dos cinco anos de idade pode ser muito complicado, por essa razão a comunicação pode e deve ser trabalhada a fim de desenvolver tais aspectos do desenvolvimento e com isso garantir a criança uma forma de se expressar e socializar com os demais.

A ESCOLA: PROFESSORA, PAIS, ALUNOS E A CRIANÇA

É fundamental debater sobre as relações existentes entre a criança e a escola, com os pais e pela equipe de profissionais que o acompanham. Apesar da pouca comunicação com os alunos e as professoras, ele apresentava algumas vezes comportamentos afetivos bastante acentuados, em que abraçava as professoras, sentava-se no colo e tirava até fotos.

A relação com a professora do AEE, embora seja recente, mostrou-se muito promissora, uma vez que o aluno demonstrava interesse em sair e ficar com Joana na sala de atendimentos, onde ela destacou as suas altas habilidades no processo de aprendizagem.

Esse acompanhamento acontecia apenas uma vez na semana, e tinha a duração de cinquenta minutos, e segundo Joana, Artur já não se satisfazia com os materiais disponíveis a serem trabalhados com ele. Destacamos que “[...] o aluno com necessidades educacionais especiais, por apresentar autismo, precisa ser ajudado a adquirir conhecimentos que os outros alunos aprendem naturalmente, por isso a importância da seleção de atividades”. (BRASIL 2003, p. 31). E assim fez-se necessário uma reflexão acerca de um maior aporte de materiais educativos e tecnológicos para atender melhor e acompanhar o ritmo e as necessidades do educando.

A sua relação com os alunos em sala de aula é considerada *tímida*, pois ele não conseguia se expressar como os demais, não se comunicando por exemplo quando quer um brinquedo que o colega está ou até mesmo o lanche, Artur não sabe pedir, ele já chega pegando como se fosse dele, já que não consegue estabelecer uma comunicação e entende que pode pegar quando quiser. De acordo com a Cartilha Conhecendo o Transtorno do Espectro Autista (2017) “ [...] outras dificuldades de interação são: de estabelecer e manter relações pessoais constantes, de compartilhar interesses em comum, de se engajar emocionalmente com outras pessoas etc.”.

Por outro lado, foi perceptível o cuidado que as meninas, principalmente, tinham com ele. Por exemplo, na hora do intervalo, onde ele se mantinha isolado, uma das crianças vinha e se juntava a ele, pegava na mão e saía passeando e brincando junto. Muitas vezes, dava o seu brinquedo para que ele se acalmasse e o ajudava quando necessário. Segundo o documento do “é muito frequente, em salas da pré-escola, que as meninas tendam a proteger e amparar esse aluno” (BRASIL, 2003, p. 27). Esse comportamento deve ser então, respeitado e incentivado, a fim de proporcionar maior interação do aluno com as demais crianças.

Outro ponto relevante nos remete à relação entre Artur e seus pais, os quais pareceram bem participativos e colaborativos desde o início dessa investigação. Na entrevista realizada com o pai de Artur, ele contou um pouco sobre como está sendo esse processo, e as formas que encontraram para lidar com a situação, segundo ele:

Nos primeiros dois anos de idade, percebemos que ele não falava palavra nenhuma, porém achamos que era normal pelo fato de ter casos na família de crianças que só falaram com 5 anos de idade. Porém em uma visita da minha irmã, ela comentou sobre o fato de Miguel não olhar nos olhos de ninguém. Recomendou um acompanhamento profissional. (ANDRÉ, 2018).

A partir desse momento e de outras pessoas da família o incentivarem a procurarem ajuda. Até então André acompanha o filho em todas as consultas semanais com vários profissionais. A aceitação, nesse sentido, é um fator importante a ser considerado, pois se sabe que não é fácil, com base na fala de André sobre aceitação do diagnóstico:

Aceitar que Miguel possui alguma deficiência não foi difícil. Pois encaro as coisas com realidade, sabemos que ele tem algo e queremos de qualquer forma tratar o caso. Estou de licença do trabalho para cuidar do caso de Miguel, pois a minha participação tem sido essencial. (ANDRÉ, 2018).

Visto que é imprescindível a colaboração da família, quanto mais cedo a busca por ajuda e acompanhamento necessário melhor será para essa criança em seu desenvolvimento no futuro. É necessário compreender também como a criança se sente e reage em meio a todo esse processo, desse modo André entende que: “Tem semanas que ele vai ter uma evolução positiva, já outras semanas que irá retroceder um pouco. É questão de comportamento” (ANDRÉ, 2018). Como ainda é algo recente, é preciso paciência em todo esse processo, e dar oportunidade a criança para que se sinta bem, confortável com as situações, respeitando os seus limites e o seu ritmo de aprendizagem, pois terão dias em que Artur estará mais calmo, outros, estará inquieto e confuso com toda a situação vivenciada.

ATIVIDADES LÚDICAS ENQUANTO ESTRATÉGIA INCLUSIVA DE UM PÓSSÍVEL CASO DE AUTISMO

Constatamos que foram poucas as atividades que despertaram o interesse de Artur, e o que tornada mais difícil lidar com as situações de natureza didático-pedagógicas. Contudo, é possível planejar situações lúdicas e de aprendizagem que o interessam. Durante o Estágio Supervisionado I, percebemos que algumas atividades propostas atenderam as necessidades de Artur e o ajudou a incluir-se no espaço escolar com as demais crianças.

Alguns exemplos como: jogo da memória, formação de crachás, tapete das cores, mistura de cores, brincadeiras de roda, danças, produção de desenhos e cartazes possibilitaram a participação de Artur. É importante ressaltar que ele era sempre o primeiro a concluir as tarefas, com muita agilidade e eficácia. O lúdico se torna tão eficaz no processo de ensino-aprendizagem, pois:

Brincando, a criança desenvolve os sentidos, adquire habilidades para usar as mãos e o corpo, reconhece objetos e suas características, textura, forma, tamanho, cor e som. Brincando, a criança entra em contato com o ambiente, relaciona-se com o outro, desenvolve o físico, a mente, a auto-estima, a afetividade, torna-se ativa e curiosa. (SIAULYS, 2005, p.17).

Salienta-se que no caso de Artur, há incentivo em casa, por parte dos pais onde são feitas atividades diferentes. Segundo André, foi colocado para ele um quadro negro onde escreve e desenha, além de brincar com o irmão mais velho. Outras intervenções também podem acontecer na sala de aula pelos professores com objetivos de: desenvolver a flexibilidade, desenvolver a atenção compartilhada e interesses em informações pessoais, o contato visual, a participação física entre outras. Essas ideias e outras podem estar vinculadas a jogos e atividades lúdicas como, por exemplo: TV musical, histórias narradas, brincadeiras com dados, charadas, caça ao tesouro entre tantas outras.

No caso da criança autista devem-se “[...] promover brincadeiras gostosas, mas estruturadas, como brincadeiras de roda e, sempre que possível, convidar os pais para participar; mudar periodicamente brinquedos e brincadeiras. Não confundir obsessões com interesse”. (BRASIL, 2003, p.16-17). É importante entender que uma vez que não planejada, as situações podem acabar resultando em mais afastamento e isolamento por parte da criança.

CONCLUSÕES

Esse breve estudo contribuiu para a discussão da ludicidade enquanto estratégia didático-metodológica numa perspectiva inclusiva, num provável caso de autismo. Compreende-se que o lúdico enquanto estratégia didático-metodológica é de suma importância no processo de ensino aprendizagem, especificamente no que diz respeito à inclusão de uma criança com TEA, uma vez que promove a efetiva participação do aluno nas atividades proporcionadas e possibilita a aproximação do mesmo com os demais colegas.

É fundamental destacar a relevância do estreitamento da relação entre a escola, à família e toda equipe de multiprofissionais que ajudam no processo de investigação e no acompanhamento de crianças com TEA. Para tanto, é imprescindível à participação dessa criança no ambiente escolar. Vale destacar ainda a contribuição desse trabalho para a formação de professores que irão atuar e trabalhar com crianças autistas, dando suporte e conhecimento acerca desse assunto, para obter êxito no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, é preciso compreender as dificuldades da criança com TEA e buscar estratégias para o desenvolvimento de situações de aprendizagem com a mesma, e nesse caso, o apoio de uma equipe multidisciplinar é valiosíssimo, tanto para o acompanhamento, o tratamento e o futuro dessa criança.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto da pessoa com deficiência.** Brasília, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 28 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem - autismo** 2.ed. Brasília : MEC, SEESP, 2003. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/me000436.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2019.

BRASIL. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764 Acesso em: 16 dez. 2017.

CAMARGO, Eder Pires. **Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces.** Ciênc. Educ., Bauru, v. 23, n. 1, p. 1-6, 2017.

CID-10 - Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde. Disponível em: <https://www.cid10.com.br/>. Acesso em: 28 jul. 2019.

CRUZ, Jonierson de Araújo. da. O lúdico como estratégia didática: investigando uma proposta para o ensino de física. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE FÍSICA – SNEF*, 18, 2009. Vitória, Es. **Anais do Simpósio Nacional de Ensino de Física - SNEF.** Vitória, Es. 2009. p. 1-8.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

INSTITUTO FEDERAL. **Conhecendo o Transtorno de Espectro Autista**. João Pessoa: Cartilha Institucional, 2017. Disponível em: https://estudante.ifpb.edu.br/static/files/cartilha_espectro_autista.pdf Acesso em: 21 jul. 2019.

DSM-IV - Manual de Diagnóstico e Estatística da Sociedade Norte-Americana de Psiquiatria. 2013. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000400008. Acesso em: 28 jul. 2019.

OMS - Organização Mundial da Saúde. Classificação Internacional de doença – 10ª revisão. (Tradução do centro colaborador da OMS para classificação de doenças em português) ed: 8. São Paulo. Editora Universidade de São Paulo, 2000.

PFEIFFER SI. Serving the gifted: evidence-based clinical and psychoeducational practice. New York: Routledge; 2013. Disponível em: <http://www.saberautismo.com.br/portal/blog/autismo-leve-sindrome-de-asperger-ou-superdotacaoaltas-habilidadesij>. Acesso em: 18 de dez. 2018.

SIAULYS, Mara Olympia de Campos. **Brincar para todos**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/brincartodos.pdf>. Acesso em 28 jul. 2019

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio.; REVELES, Leandro Thadeu.; **Mundo Singular**. Entenda o ensino. Fontanar, 2012.

SCHWARTZM, VELLOSO, VINIC, CINTIA, DUARTE, DANTINO, BRUNONI. Protocolo de avaliação diagnóstica multidisciplinar da equipe de transtornos globais do desenvolvimento vinculado à pós-graduação em distúrbios do desenvolvimento da universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, v.11, n.1, p. 9-22, 2011.

VARELLA, Dráuzio. Doenças e sintomas: TEA – Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/tea-transtorno-do-espectro-autista-ii/>. Acesso em: 18 dez. 2018.

VARELLA, Dráuzio. **Doenças e Sintomas: Autismo**. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/autismo/>. Acesso em 18 dez. 2018.

VARELLA, Dráuzio. Entrevistas. Autismo: primeira parte. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/pediatria/autismo-primeira-parte/>. Acesso em: 18 de dez. 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e método**. Tradução Daniel Grassi. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.